

CORTESIA

IFCH - UNICAMP

O ENVELHECIMENTO EM ASILOS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS PARA UMA VELHICE ADEQUADA

GUITA GRIN DEBERT
Deptº de Antropologia do IFCH

As propostas de pesquisas sobre envelhecimento em asilos de idosos, ou em qualquer outro tipo de organização que congrega majoritariamente pessoas de idade avançada, são em geral pensadas como tentativas de aproximação de uma experiência que compreende, pelo menos, duas facetas distintas. Uma delas bastante negativa, mostra a solidão, o desprezo e o abandono levados às últimas conseqüências. A idéia de uma "sala de espera", expressão que serve de título a uma tese sobre um asilo de idosos, retrata bem a imagem que se pode obter da vida cotidiana numa instituição desse tipo⁽¹⁾

A outra face, positiva, reflete as sempre apregoadas vantagens do envelhecimento: a experiência acumulada, a sabedoria, o desprendimento, a libertação das angústias e da pressa dos mais jovens, aspectos que dariam caráter especial e exclusivo à vivência das pessoas de mais idade e que podem tornar mais animadora a perspectiva de passar um longo período fazendo trabalho de campo numa instituição desse tipo.

(1) Moraes, Maria Luiza Gusmão de. A sala de espera - um estudo da ideologia do velho asilado. UnB, Brasília, 1977.

É preciso, no entanto, ficar muito pouco tempo em um asilo para rever essas impressões iniciais. O cotidiano com o qual nos deparamos está longe de ser quer a manifestação da suposta experiência de solidão, quer um momento de desprendimento dos valores e angústias tidos como próprios da vida dos mais jovens. Surpreende, nos asilos, a quantidade de conflitos, brigas e desentendimentos entre residentes, sobretudo, e destes com o pessoal técnico e administrativo. Literalmente, os residentes fazem, uns aos outros, perderem o controle, terem insônia, entrarem em palpitação. Os conflitos e desavenças são percebidos, pelo pessoal técnico e administrativo e pelos próprios residentes, como uma disfunção que deve ser corrigida e sanada. Para isso, duas orientações distintas, mas concebidas como complementares, são aplicadas no tratamento da velhice asilada. Consideradas inovadoras, e até mesmo revolucionárias, elas se fundamentam na visão das vantagens do envelhecimento e na idéia da solidão como drama essencial da velhice.

A primeira orientação visa dar dignidade à velhice, transformando o idoso em historiador legítimo e imprescindível do passado. O velho é depositário de uma experiência e de um saber únicos e exclusivos dados pelos anos vividos. A memória é um bem valioso que, assim como a história, deve ser transmitida às gerações mais jovens. Por princípio, portanto, enquanto portador dessa memória, cada idoso deve ter sua respeitabilidade recuperada e garantida diante dos mais jovens e dos que estão na mesma faixa etária.

A segunda orientação, centrada no abandono e na solidão, encontra na utilização de técnicas psicodramáticas o meio de criar uma solidariedade entre os idosos, baseada na comunhão de destinos dada pela idade cronológica. A primeira orientação é uma volta ao passado de indivíduos sem presente e sem futuro e, combinada com a segunda, desarma os indivíduos na luta que levam, a unha e dentes, para manter a dignidade e a auto estima. Com a intenção de discutir a forma em que se dão os conflitos entre práticas profissionais inovadoras e os residentes do asilo, organizamos o material levantado em um estudo realizado num período de nove meses em dois asilos de São Paulo, um deles ligado à comunidade judaica e o outro à de japoneses.

OS ASILOS

As instituições pesquisadas não são representativas dos asilos mais facilmente encontrados na região. São asilos relativamente ricos e estão vinculados a comunidades extremamente preocupadas em oferecer, com os recursos disponíveis, as melhores condições para um envelhecimento bem-sucedido. As edificações e a organização interna de cada asilo são bem distintas.

O asilo israelita, criado em 1937, está localizado numa área urbana e é composto de oito pavilhões de vários andares, construídos em épocas distintas e com diferenças marcantes em termos de luxo e riqueza no material e na arquitetura utilizados. Cada pavilhão, além dos apartamentos, contém um refeitório coletivo e uma área social. Na época da pesquisa, a entidade abrigava 350 residentes, dos quais cerca de 2/3 são mulheres e 1/3 homens; 40% sem recursos e 60% pagavam uma mensalidade ou fizeram doações de imóveis e/ou outros bens, em função de suas possibilidades econômicas e financeiras. A contribuição, que cabe a cada residente é estipulada por um comitê especialmente formado para fazer um estudo de cada caso.

O asilo japonês foi criado em 1958 e tinha na época da pesquisa 110 residentes, com as seguintes características gerais: 47% de mulheres e 43% de homens; aproximadamente 10% sem recursos; 70% recebendo renda mensal vitalícia (FUNRURAL ou INAMPS); e 20% pagando mensalidade com renda própria ou de familiares. Está localizado em uma área rural de 10 alqueires e é composto de três pavilhões bastante semelhantes e modestos em termos de construção. Um dos pavilhões é ocupado por homens e casais, o outro pelas mulheres e o terceiro pela enfermaria, parte social e refeitório coletivo. O asilo israelita tem apartamentos individuais ou duplos. No asilo japonês, há quartos duplos para os casais e os outros abrigam cerca de cinco pessoas. Nos dois casos, de acordo com o pessoal administrativo que não há relação necessária entre o tipo de alojamento e a renda do residente, mas como não são claros os critérios para essa distribuição espacial o tema sempre causa surpresa, indignação e contestação

por parte dos residentes. O asilo israelita tem uma diretoria eleita periodicamente e um corpo bastante grande de profissionais de diferentes áreas, especializados em geriatria e gerontologia, que vêm cada vez mais substituindo o trabalho anteriormente feito por voluntários. O asilo japonês tem um número relativamente pequeno de profissionais, que trabalham em tempo parcial e é administrado por uma freira japonesa que deixa muito patente sua marca pessoal na direção da instituição.

A maioria dos residentes, nos dois locais, são viúvos, solteiros ou separados, havendo proporção menor de casais. A idade média é de 75 anos e grande parte é composta de imigrantes vindos de diferentes províncias do Japão e de diferentes países da Europa Oriental, no caso dos israelitas. No asilo japonês as atividades agrícolas (jardinagem, horta, pomar), o esporte (gateball) e as atividades de limpeza e preparação de alimentos ocupam boa parte do cotidiano dos residentes. No asilo israelita, a programação compreende atividades como conferências, cursos de música clássica e popular, leitura de contos e ginástica. Oficinas de trabalhos manuais e rituais religiosos preenchem também o dia-a-dia nos dois asilos. A frequência às atividades é voluntária e proporcionalmente pequena em relação aos benefícios e vantagens que todos reconhecem desfrutariam se delas participassem mais.

Asilo de idosos era uma instituição inexistente no Japão antes da guerra e, entre os judeus da Europa, uma instituição para idosos sem família ou sem recursos. Hoje, diante de uma demanda crescente por internação, as diretorias dos dois asilos promovem campanhas junto às respectivas comunidades, em busca de recursos para ampliar suas dependências. Razões sociológicas são apontadas pelo pessoal técnico dessas instituições para explicar tal demanda, que teria resultado de mudanças estruturais nas sociedades modernas, como a urbanização, a família nuclear e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, então impedidas de se dedicar efetivamente aos idosos. Outros elementos específicos aos imigrantes idosos são ressaltados pelos profissionais dos asilos, como o fato de esses resi-

dentes terem saído do seu local de origem em situação bastante precária diante de crises econômicas e políticas, chegando ao novo Continente sem um preparo prévio e em situação de extrema pobreza e passado por um processo de mobilidade ascendente muito rápido, se comparado ao de outros grupos de imigrantes. Foram, de maneira geral, bem-sucedidos no esforço empreendido para que os filhos estudassem e se profissionalizassem nas carreiras liberais. Esse sucesso teve, no entanto, a contrapartida de um distanciamento cultural enorme entre a geração de imigrantes e as de seus filhos e netos, distância que implicou uma mudança radical de valores, inclusive a perda de uma língua comum e, com ela, a possibilidade de comunicação entre avós e netos.

Os dados apresentados indicam que apesar de algumas semelhanças, as instituições são bem distintas, a começar pela população que abrigam em cada caso, com um passado histórico e cultural bastante diferente. Mesmo no interior de cada instituição, a heterogeneidade cultural é grande em função da província (no caso dos japoneses) ou do país de origem (judeus) dos imigrantes. A história de vida pós-imigração, é diversa e fica patente sobretudo nas diferenças de rendimento entre os residentes em cada asilo. Essa heterogeneidade é preciosa, posto que permite pensar na especificidade do envelhecimento na instituição asilar. O esforço é assim reunir elementos comuns às experiências dos grupos estudados, de modo a compreender o tipo de sociabilidade desenvolvida nas instituições e, sobretudo, as reações dos residentes às formas inovadoras de buscar sanar os conflitos advindos dessa convivência.

A PESQUISA

Passamos um período de seis meses no asilo israelita e de três meses no asilo japonês. A pesquisa, nos dois asilos, envolveu uma metodologia qualitativa, compreendendo observação de comportamentos, entrevistas individuais em profundidade e histórias de vida

com os residentes e conversas informais com o pessoal técnico e administrativo. Célia Sakurai, interessada na imigração japonesa no Brasil, colaborou na pesquisa desenvolvida no asilo japonês. Sem ela teria sido impossível ultrapassar a barreira da língua. Elisabeth Mercadante, preocupada com a identidade judaica, colaborou na pesquisa no asilo israelita, onde se iniciou o trabalho. Nessa instituição, não apenas as dificuldades de linguagem foram facilmente superadas, mas também, os residentes, habituados a ser entrevistados por historiadores, cientistas sociais e outros especialistas, facilitavam nosso trabalho, sugerindo, incansavelmente, o que deveríamos observar e a quem entrevistar. A observação de comportamentos foi fundamental para pensarmos na relação entre os residentes e deles com o pessoal técnico e administrativo do asilo e com outros visitantes. As entrevistas e as histórias de vida foram realizadas nos quartos ou em espaços públicos onde pudéssemos conversar isoladamente. Elas tinham como base um roteiro centrado na vida no asilo (atividades preferidas, relações de amizade, vantagens e desvantagens de estar na instituição), nas relações com os familiares e amigos fora do asilo e em atividades externas ao asilo. Antes de iniciarmos a pesquisa pensamos em vários critérios que poderiam orientar a seleção dos entrevistados e outros tantos foram sugeridos pelo pessoal técnico e pelos próprios residentes: idade, condição sócio-econômica, local de origem, nível de independência funcional, estado civil, relações com os familiares, etc. Preferimos, no entanto, antes de decidir por um deles, observar comportamentos na instituição. Vimos, então, que já tínhamos sido escolhidas por alguns idosos para ouvir suas histórias e acompanhá-los em suas atividades cotidianas e nosso trabalho é, em grande parte, o resultado dessa escolha. No asilo israelita foi ainda possível, dadas as facilidades mencionadas, fazer uma atividade semanal com um grupo de idosos, que compreendeu nove sessões para discussão de temas específicos que envolviam a vida dos judeus no Brasil. Todos os interessados poderiam comparecer a essas sessões. Convidamos pessoalmente alguns residentes com os quais já havíamos esta-

belecido contato e pedimos a eles que ampliassem o convite a outros interessados. O tema da sessão inicial "Qual a primeira impressão que tiveram ao chegar ao Brasil" e as discussões que motivou determinaram a definição dos temas das sessões seguintes. Procuramos escolher temas sobre os quais todos os participantes pudessem se manifestar. Envolviam sempre uma questão e uma comparação entre a vida no país de origem e as alterações que ocorreram no Brasil. Tratamos assim da comunidade judaica, de religião, de educação dos filhos, dos idosos, entre outros assuntos. A vida no Lar dos Velhos foi o tema de uma das sessões e na última sessão pedimos que eles perguntassem o que quizessem saber sobre nós, as antropólogas, e sobre a pesquisa que estávamos fazendo. Da primeira sessão participaram cerca de 30 residentes, dos quais cinco eram homens. Fomos logo informadas, e pudemos depois constatar, que em todas as atividades propostas na instituição a participação feminina é sempre proporcionalmente maior. O número de participantes foi diminuindo aos poucos, o que tornou esse tipo de empreendimento mais factível. Na terceira sessão, os homens comunicaram que não iriam mais, porque tinha gente que só falava bobagens o que iria prejudicar a pesquisa. Sugeriram, ainda, que fôssemos mais seletivas em relação aos participantes nas sessões e ante a nossa recusa em estabelecer critérios para a participação, prontificaram-se a nos dar entrevistas individuais. Cerca de 10 mulheres participaram ativamente de todas as sessões, outras alternadamente. As reuniões duravam quase uma hora e foram gravadas. A vantagem que apresentaram em relação às entrevistas individuais foi mostrar com clareza os pontos de vista comuns aos residentes, questões a que são indiferentes e, sobretudo, os problemas pelos quais, consideram valer a pena entrar em conflito com os outros residentes. No asilo japonês as dificuldades da língua e o horário bastante rígido das atividades não permitiram que as sessões de grupo fossem realizadas. Restringimo-nos, neste caso, à observação de comportamentos e às entrevistas que tiveram seu roteiro ampliado em função da comparação que pretendíamos estabelecer com o asilo israelita. Essas dificuldades devem ser levadas em conta na exposição que se segue.

O ASILO E A VIDA PÚBLICA

É quase que automática a identificação de um asilo de idosos com o modelo de uma instituição total, da forma como esta foi definida por Goffman (1961). Para o autor, quatro características marcam as instituições totais: "... todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade...; cada fase da vida diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas...; as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários... e toda a sequência de atividades é imposta de cima por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários; finalmente, as atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição"(2).

A identificação dos dois asilos estudados com instituições totais não se faz sem problemas. Neles, os residentes podem sair e entrar com bastante frequência. Nas atividades programadas a participação é mais maleável do que nas prisões, manicômios ou conventos, mas a rigidez dos horários das refeições restringe a maleabilidade possível. O planejamento visando atender aos objetivos da instituição permite arranjos individuais bem distintos em função do nível de independência funcional e das relações que os indivíduos entretêm fora do asilo. Além disso, o fato de a Diretoria não apenas fazer parte do mesmo grupo étnico, mas ter relações de parentesco ou de amizade com os residentes e seus familiares dá uma dinâmica específica ao planejamento geral, tornando-o mais receptivo a críticas e reformulações. Entretanto a experiência dos residentes nos dois asilos é radicalmente distinta daquela das instituições totais, no que diz respeito ao despojamento dos múltiplos papéis sociais que ocupavam na sociedade e que para Goffman caracteriza o

(2) Goffman, E. Manicômios, prisões e conventos. Editora Perspectiva, São Paulo, 1961, pp. 17-18.

mundo do internado. A entrada no asilo é antes representada pelos residentes como uma alternativa capaz de possibilitar sua independência e o resgate de uma multiplicidade de papéis sociais, de uma vida social intensa que estaria ameaçada ou em franco declínio fora do asilo. E é a impossibilidade desse resgate que torna a experiência na instituição decepcionante e dá a ela uma dinâmica própria. Esse é um dos aspectos que complicam o trabalho do pessoal técnico e explica a dificuldade de mobilização dos residentes para os programas propostos com o objetivo de tornar a experiência institucional mais bem-sucedida. A forma como os idosos relatam a decisão de entrar no asilo e avaliam a vida na instituição ilustra com mais clareza essa consideração.

Para os residentes, vir para o asilo foi uma opção tomada de livre e espontânea vontade, com o objetivo de manter a independência que poderia ser ameaçada. Estar no asilo é um privilégio, por todos reconhecido quando se comparam com outros indivíduos vivendo na mesma situação e que não puderam conseguir uma vaga na instituição. Obter esse privilégio implicou para todos um gasto financeiro alto ou a utilização de contatos poderosos.

Para as mulheres japonesas solteiras ou viúvas sem filhos, a vinda para o asilo foi uma oportunidade conquistada através de contatos influentes e significou a independência de um familiar tirano; para as israelitas, na mesma situação, a vinda para o asilo foi um projeto acalentado com antecedência e realizado mesmo diante da insistência de parentes para que elas ficassem morando com eles.

- Eu me preparei para entrar no lar, vinha visitar os velhinhos, passava horas aqui... O refeitório era diferente, tinha mesas compridas onde todos sentavam, não era como agora. Me admirei porque faziam três sopas diferentes. Tinha garçon, ele vinha e perguntava o que a pessoa queria - tem canja, tem sopa disso, sopa daquilo - e a pessoa dizia o que queria, como num hotel... Depois vinham ou-

tros pratos, uns comiam, outros não gostavam de uma coisa e o garçon trazia outra coisa. Serviam muito bem, mas naquela época havia poucas pessoas... Não tinha banheiro em cada quarto, os banheiros eram no corredor, não me admirava que os banheiros não eram muito limpos, mas o resto era bem limpinho. Os velhinhos eram bem cuidados... Naquela época eu ainda trabalhava, mas depois da morte do meu marido comecei a me preparar... Sabia que não teria sempre a capacidade de trabalhar, iria ficar velha e cansada. Então achei melhor me preparar antes. Doei uma casa (ao asilo) e pensei quando ficar velha vou para o lar. Eu me preparei para entrar no lar porque não tinha filhos, não queria incomodar os sobrinhos. Uma sobrinha casada me convidou para morar com ela, mas não aceitei. Disse para minha sobrinha que não queria morar com ela, que iria atrapalhar a vida dela - você e seu marido são jovens, têm outra vida, têm que trabalhar, à noite estudam, de manhã vão ao trabalho, eu não quero atrapalhar ninguém. Se fico doente vocês vão ficar preocupados em me deixar sozinha. Prefiro ficar no lar e se vocês forem me visitar ficarei contente.

- Me vi sozinha depois que fiquei viúva. Fiquei morando sozinha na Avenida Paulista, era uma rua cheia de vida, agora tem muito assalto... Eu antes tomava parte de tudo, cinema, teatro, com uma amiga mais jovem do que eu. Porque eu sou velha mas tenho espírito de jovem, então ela gostava de sair comigo. Mas depois fui ficando fraca e doente... então comecei a vir para cá tratar. (Uma vaga no asilo).

No caso de viúvas com filhos, muitas vezes são eles que fazem as gestões para a entrada das mães na instituição e, nesses casos, o relato dessa opção segue em linhas gerais considerações do seguinte tipo:

- Meu filho arrumou tudo porque eu já estava há quatro anos sozinha. Meu filho achou que estava muito pesado para mim. Então ele disse que iria arrumar um lugar onde eu fosse me sentir bem, ter ambiente cultural, vai ser alegre, e me trouxe aqui e me apresentou para o pessoal da Diretoria.

Para homens e mulheres casados ou viúvos com filhos, a entrada em ambos os asilos teria sido antecedida de uma longa reflexão em que concluíram ser melhor viver no asilo do que com os filhos. A vida dos filhos e netos, em todos os casos, aparece como completamente tomada pelo trabalho ou estudos e a casa não é um lugar privilegiado da sociabilidade familiar, mas um local de passagem diária para comer e dormir.

- Eu não posso me queixar, tenho oito netos e eles adoram a gente, principalmente meu marido. O cacula só quer dormir com ele. Se morasse com minha filha eu deveria ficar o dia inteiro com as empregadas, porque ela trabalha e o meu genro sai de manhã e só vem à noite para casa. As minhas netas, que já se formaram, trabalham o dia inteiro; as que estudam vão estudar e eu ficava com o meu marido e as empregadas, eu queria ter um ambiente

- Uma vez por ano vou à casa dos filhos. Penso em voltar logo para cá. Aqui trabalho e me movimento. Na casa dos meus filhos, só como e engordo muito.

- Eu queria entrar no lar, eu tenho filhos que estão bem na vida, mas eu queria ser livre. Com os filhos é muito bom quando se visita, mas quando se precisa ficar com eles, morar junto, até é melhor ter liberdade e morar aqui sozinha. Deixar também os filhos em paz. Os filhos também têm a vida deles.

Margaret Clark (1972), em um estudo sobre os idosos em São Francisco, mostra como os valores mais prezados da sociedade americana transformam o envelhecimento numa experiência mal sucedida. A moralidade naquela sociedade está estreitamente ligada ao valor da "self reliance" e por isso não se espera uma dependência prolongada entre gerações. A velhice é para ela um problema insolúvel à medida que ao avanço da idade corresponde um aumento da dependência⁽³⁾. Para os residentes entrevistados em nossa pesquisa, ao contrário, falar de sua vinda para a instituição é mostrar que sua independência está garantida. É um valor por eles não apenas prezado, mas pelo qual lutam ativamente, mesmo quando uma situação de dependência não é percebida, nem sentida pelos filhos.

As tentativas de manifestar publicamente o amor e o interesse dos filhos em ter os pais ou parentes vivendo em suas casas são contestadas por insinuações dos outros residentes, que não perdem a oportunidade de colocar em dúvida os sentimentos dos filhos em relação aos pais no asilo. As insinuações podem surgir de maneira bastante indireta, como, por exemplo, no seguinte trecho da sessão coletiva cujo tema era "Como foi a chegada no Lar". Depois de vários relatos sobre a insistência dos filhos em que seus pais ficassem morando com eles, ao invés de irem para o asilo, uma das residentes faz o seguinte comentário:

- Lembro de minha avó, uma mulher muito idosa que morava conosco. Às vezes minha avó pensava que estava incomodando e falava ao meu pai se não seria melhor morar em um asilo. Nós todos, os seus filhos e netos, não queríamos nem saber, queríamos que ela ficasse conosco. Me lembro do tratamento que dávamos a avó, era como se ela fosse um brilho, uma jóia.

(3) Clark, M. "Cultural values and dependency in later life" in Cowgill, D. O. & Holmes, L. D. (ed.). Ageing and modernization. New York, Appleton-Century-Crofts, 1972.

Aqui mesmo a gente ouve as pessoas falarem que têm quatro ou cinco filhos e praticamente estão abandonadas. Quer dizer, a vida mudou muito. Por isso tem gente que vive revoltada, mesmo quando está num ambiente assim, com todo o conforto, mas é uma revolta íntima, porque a gente se lembra ainda do respeito que tínhamos pelos idosos.

Outras vezes as insinuações têm uma direção precisa e então se tornam motivo de briga e rompimento de relações. Na entrevista coletiva sobre o tema "Os jovens de hoje e de antigamente", Dona Ilsa relatava com satisfação que seus filhos não esquecem de convidá-la para passar todos os fins-de-semana com eles e é interrompida por outra residente:

- Depende muito (dos filhos), tem muitos (filhos) que acham que (os pais) já deram tudo que tinham para dar e então põem (os pais) num lugar assim, junto com os outros, muito bem tratados e tudo o mais. Mas sempre chega a hora em que o filho ou a filha precisam da mãe, querem fazer uma viagem e a mãe tem que ser a governanta e então vêm buscar a mãe para que ela tome conta das empregadas. Mas se por acaso a mãe disser agora vou ficar aqui morando com vocês, dizem não, a senhora volta para o Lar.
- Você não conhece os meus filhos, responde Dona Ilsa (mostrando irritação).
- Eu conheço um caso que é assim.
- Eu não estou dizendo que a senhora não conhece, mas para minha filha é o maior prazer me receber, ela não sabe o que fazer comigo.
- Estou falando de outro caso.
- Para a minha filha é o maior prazer.
- Mas, morar com os filhos, a senhora não pode.

O projeto de entrar no asilo abre a possibilidade de manter três conjuntos de valores, cuja importância

os idosos das duas instituições não se cansam de reiterar: manter a independência funcional ameaçada ante as deficiências físicas próprias da idade; não ser um estorvo para os filhos; e participar de uma vida social ativa. É para o caráter dessa terceira expectativa que é preciso olhar com atenção. Cada um dos idosos procura mostrar que previu um momento onde estaria condenado à solidão. Não é o abandono e a negligência dos filhos que o asilo poderia substituir. Essa negligência não está em questão, é antes a cada momento negada e tratada sempre como um problema exclusivo dos outros residentes. O asilo é um projeto atraente entre as opções tidas como possíveis, posto que poderia oferecer um tipo de sociabilidade valorizado e por todos desejado. O que parece estar em jogo na idéia de uma vida social ativa é um conjunto de elementos que a casa dos filhos não pode oferecer: vida social alegre, o teatro, o cinema, o movimento da Avenida Paulista, o serviço de um hotel - são elementos que os idosos não se cansam de valorizar, mesmo quando a vida no asilo é decepcionante. A avaliação da experiência vivida no asilo, embora bastante diferente para homens e mulheres, reitera essa consideração, sobretudo quando é semantizada como uma decepção.

As mulheres japonesas tendem a considerar que a vida no asilo correspondeu ou ultrapassou as expectativas do projeto inicial. Poder estar no asilo é, para elas, uma dádiva que merece eterna gratidão

- Gosto daqui, todas as pessoas são boas comigo... Sempre rezo para todas as pessoas daqui estarem com boa saúde. Rezo agradecendo o conforto e o carinho que recebo aqui desde o dia em que cheguei.
- Com trabalho e com lugar para ficar estou agradecida.
- Desde que vim para cá rejuvenesci. Gosto muito daqui. Sou muito feliz aqui. Vivo o dia sossegada, segura e sem pensar em nada, nada de pensamentos difíceis.

As mulheres israelitas, quando procuram dar uma imagem positiva da vida no asilo, verbalizam em geral sua experiência da seguinte forma:

- Eu estava preparada... (a adaptação) foi rápida. Era isso que eu queria, tinha o que esperava. Agora (o Lar) melhorou muito, tem música, artistas que vêm aqui...

- Eu gosto mesmo, gosto daqui. Quando quero conversar eu converso... eu não sou muito xeretinha que vai de cá para lá, mas dá para quebrar o galho. Aqui tem ambiente bom, meus filhos vêm me visitar, às vezes me levam para cá, às vezes para lá, mas eu gosto mais de ficar aqui... Na hora de comer tem comida, quando quero descansar, descanso, gosto muito de ler, vou ao meu quarto tenho a minha vidinha, tudo sozinha, estou feliz. Eu só quero ter paz.

Entretanto, a maioria das mulheres israelitas mostra que a entrada no asilo foi seguida de um sofrimento intenso, mas todas, sem exceção, fizeram um grande esforço de auto-convencimento e, por isso, acabaram se adaptando.

- Eu custei a me adaptar. Foi muito duro para mim. Durante três anos eu chorei. A mudança foi muito radical, depois da morte do meu marido eu fiquei dois anos sozinha. Meu filho, que morava nos EUA, veio me ver e perguntou se eu não queria morar na América. Eu não quis ir, pois não falo inglês, não conheço ninguém e ia ficar sozinha, pois meu filho e sua esposa trabalham o dia inteiro. Assim, achei melhor vir para o Lar. Eu, quando cheguei, recebi um quarto muito bom, mas não pude me adaptar ao meio. Eu saí de um meio muito diferente... Hoje estou acostumada, frequentar a oficina foi muito bom para mim.

- A gente acostuma aqui porque quando a gente precisa entrar, a gente põe o espírito da

gente preparado. Eu queria entrar...

- Eu estou aqui há dez meses. No começo sofri um pouco ...mas quando cheguei resolvi me acclimatizar a força. Fiz tudo para me acostumar.

- Quando eu entrei aqui eu estranhei porque é assim, uma vida um pouco isolada, não tinha aquela vida que eu estava acostumada, mas no fim eu fui acostumando e agora estou gostando.

Para estas mulheres, falar no asilo é estabelecer uma separação entre as dependências coletivas da entidade e o apartamento, lugar em que se pode estar só ou receber visitas mais íntimas. Entre as que ocupam quartos individuais, a tendência é mostrar que estão instaladas com bastante conforto e até enumerar, se o apartamento é comparado com as residências mais amplas em que moravam, as vantagens do primeiro.

Os apartamentos individuais, além da cama e armários, têm sempre uma mesa com várias cadeiras, sofá e poltronas e um móvel com televisão. O espaço é sempre repartido num canto para dormir e outro que serve de sala de estar e visitas. O termo "meu apartamento" é intercambiável com "minha casa". "Venha me visitar na minha casa", "eu estava na minha casa", "vou para minha casa".

Nos apartamentos com duas residentes, ou com cinco, como no asilo japonês, o espaço de cada residente é bem demarcado. As camas e criados-mudos são uma espécie do que Goffman chama de "estojo de identidade", adornados com bibelôs, porta-jóias, fotos, potes de perfumaria. Contrastam assim com os quartos masculinos, que, nesse sentido, são marcados pela impessoalidade. As camas cobertas apenas com uma colcha, todas do mesmo tipo e os criados-mudos quando não estão vazios, têm apenas um livro ou um relógio. Para um visitante, nos dois asilos, chama a atenção a beleza de boa parte dos espaços coletivos, principalmente os externos, como a vasta extensão dos gramados, o conjunto de árvores, o riacho e as pontes do asilo japonês e do jardim com esculturas e a fonte do asilo israeli-

ta, que contrastam com os quartos coletivos, cuja pobreza dá o tom da violência com que nossa sociedade trata os idosos. É a invasão da intimidade do interno, própria de uma instituição total, que choca esteticamente e moralmente os visitantes. Para os residentes, há, sem dúvida, uma preferência pelos apartamentos individuais. No entanto, se existem críticas à falta de espaço e de privacidade, elas são amenas se comparadas à repulsa estética que os espaços coletivos provocam nos residentes. O refeitório, as salas de estar, os corredores são os espaços privilegiados para reclamações e é neles que o descuido e a negligência causam maior indignação. À paisagem campestre do asilo japonês os residentes são indiferentes, uma das esculturas do jardim do asilo israelita é uma ofensa a algumas das residentes, mesmo depois de terem sido informadas de que se tratava de um nú artístico de escultor altamente cotado no mercado das artes. As cadeiras na varanda, as poltronas na sala de TV, os bancos no jardim são sempre ocupados pelas mesmas pessoas, como se o espaço público só tivesse sentido se fosse recortado para ser ocupado por um número de pessoas selecionadas que podem estar juntas. Para as mulheres, das duas instituições, pode se dizer que o asilo é um local definitivo, ao qual já se adaptaram, mesmo quando criticam com veemência algumas das práticas lá desenvolvidas.

Os homens são mais críticos em relação à vida no asilo. Procuram mostrar que não estão adaptados e que não se adaptarão nunca, ou então procuram deixar claro que suportam a instituição por uma razão bem específica: desfrutar da companhia de um amigo íntimo, participar de algumas atividades consideradas interessantes ou não ter outro lugar para ir. Para alguns homens a permanência no asilo é temporária, consequência de uma situação financeira difícil, ou de uma doença que exige tratamento cuidadoso por um período determinado. São comuns entre eles, projetos de abandonar o asilo. As justificativas mais frequentes aludem à retomada de um contrato de trabalho interrompido por razões de saúde, mas que pode ser feito com o restabelecimento físico, ou a um casamento com funcionárias ou residen-

tes do asilo, capaz de propiciar uma autonomia funcional ou financeira do casal.

As mulheres também alimentam projetos de casamento, entretanto, para elas, ele não está associado à saída do asilo⁽⁴⁾.

Os projetos publicamente expressos de alguns homens, de sair do asilo, são também contestados por outros residentes, que se apressam em dizer "daqui ninguém sai", "aqui é o fim da linha", quando não gesticulam para insinuar sintomas de senilidade no interlocutor. Esse é também um motivo de agressões e rompimentos definitivos de relações.

Tanto para os homens como para as mulheres dos dois asilos, estar na instituição é, basicamente, ter a liberdade e a autonomia funcional garantidas, sem depender de ninguém. As vantagens do asilo, por todos reconhecidas, é desfrutar de um certo conforto e dos cuidados médicos e paramédicos; a grande desvantagem, reconhecida mesmo por aqueles que consideram uma dádiva poder estar no asilo, são os outros residentes, os outros velhos: "nem todos aqui são meus amigos, tem gente muito briguenta, não podemos entrar nas brigas"; "aqui, às vezes, até roubam dinheiro"; "fico com pena das pessoas que brigam"; "aqui até parece a FEBEM"; "é um asilo de crianças e não um asilo de idosos"; "até hoje não me adaptei ao ambiente, eu saí de um ambiente muito diferente".

Obviamente, outras insuficiências são acionadas por alguns residentes, como, por exemplo, a proibição de bebidas alcoólicas no asilo japonês, o desleixo de um ou outro funcionário, a má qualidade da comida. Mas pode-se dizer que há unanimidade entre os residentes de ambos os asilos em afirmar que são os outros residentes as pessoas infantis, ignorantes, mal-educadas,

(4) No asilo israelita assistimos a um casamento e a um projeto de casamento desfeito, mas que envolvia a saída do casal do asilo e a pretensão de morar em um apartamento e a contratação de uma empregada. No asilo japonês um dos residentes tinha planos de se casar com uma das funcionárias.

grosseiras e agressivas, o mal da vida no asilo. As brigas, as fofocas, ou seja, a presença dos outros velhos, tornam a vida no asilo decepcionante. Como disse uma das residentes do asilo israelita: "a grande desvantagem do asilo é que aqui só tem gente velha"

É importante ver como a velhice e o envelhecimento são concebidos pelos residentes, para entendermos melhor o significado dessa desvantagem e como ela tende a dar uma característica bastante específica à experiência e à vida cotidiana nos asilos.

OS VELHOS NO ASILO E O ENVELHECIMENTO DE CADA UM

A forma como os idosos expõem o projeto de entrar no asilo e a avaliação que fazem da vida na instituição apontam para o interesse de se pensar na velhice como "carreira". Com esse termo Myerhoff e Simic (1978) procuram rever a idéia da velhice como uma situação de perda e passividade e apontar o caráter ativo e participativo do comportamento dos velhos em diferentes sociedades⁽⁵⁾. Os idosos em contextos culturais distintos dão respostas dinâmicas e criativas ao conjunto de exigências colocadas pela velhice, num esforço constante de sobrevivência física e sócio-cultural. Viver com dignidade e controlando suas faculdades exige um esforço monumental e, nesse sentido, consideram os autores, pode-se falar na velhice como um trabalho. Com a idéia de "carreira" procuram ainda dar conta de uma dimensão diacrônica, envolvendo as diferentes etapas da vida de um indivíduo enquanto construção e acúmulo de recursos com vistas ao futuro. Nesse processo, que implica acúmulo de recursos materiais, mas também honra, afeto, saber etc., os indivíduos têm sucessos diferenciados e que dependem das ha-

(5) Myerhoff, B. & Simic, A. "Conclusion", in Myerhoff, B. & Simic, A. (ed.). Life's career aging-cultural variations on growing old., Sage Publications, Beverly Hills, 1978.

bilidades individuais, mesmo em contextos sócio-econômicos bastante homogêneos.

Vimos que o asilo não pode ser entendido como representando o fim de uma carreira, mas antes sua continuação em um novo espaço social. O asilo enquanto espaço social corresponde ao que Moore (1978) chama de "limited terms social arena"; e opondo-se a "life terms social arenas"⁽⁶⁾. A oposição serve para contrastar a experiência de envelhecimento nas sociedades industriais com aquela própria das sociedades tribais. Nessas últimas, a vida dos idosos está cercada de parentes e vizinhos com os quais a convivência se dá ao longo de toda uma vida ou durante períodos bem grandes. Nelas não apenas o isolamento na velhice é impossível, mas cada indivíduo é testemunha dos fracassos e sucessos que os outros obtiveram ao longo do tempo. Todos sabem quem são os outros, o que fizeram e quais as atitudes que merecem respeito e estima. Por isso mesmo, mostra Moore, com razão, a idéia da velhice feliz nas sociedades tribais não tem fundamento empírico. Ódios e rancores, assim como respeito e estima, podem ser dirigidos a idosos em função de cada uma das trajetórias individuais. Um asilo em um centro urbano industrializado e populoso é, pelo contrário, um lugar onde estranhos se encontram, mesmo quando desfrutam de uma identidade étnica comum. Entrar no asilo era, para os residentes, uma forma de tentar uma nova sociabilidade que a vida na casa dos filhos não preenchia. Entretanto, como diz Myerhoff (1978), se ser uma pessoa merecedora de honra e respeito é um valor universalmente desejado, que adquire conteúdos e formas específicas em diferentes contextos⁽⁷⁾, a vida no asilo é

(6) Moore, S. F. "Old age in a life - term social arena: some Chagga of Kilimanjaro" in Myerhoff, B. & Simic, A. (ed.) Life's career aging-cultural variations on growing old, Sage Publications, Beverly Hills, 1978.

(7) Myerhoff, B. "A symbol perfected death: continuity and ritual in the life and death of an elderly jew" in Myerhoff, B. & Simic, A. (ed.) Life's career aging-cultural variations on growing old, Sage Publications, Beverly Hills, 1978.

cheia de armadilhas. As chances de cada um ter publicamente reconhecidos e valorizados os fatos de que mais se orgulharam ao longo de sua vida não estão claramente dadas. Os residentes aprendem, logo que entram para a instituição, que ninguém pode atestar com segurança se um indivíduo foi ou não bem-sucedido no conjunto de atividades que desenvolveu. Ninguém perde uma oportunidade para contar vantagens. Além disso, os valores através dos quais se medem os méritos de uns e de outros não são evidentes. A sociedade bem como a vida de cada um passou por transformações tão grandes que toda a certeza é um risco. Obviamente, alguns indicadores de sucesso e bem-estar são por todos compartilhados, como, por exemplo, gozar de boa saúde, estar bem economicamente, ter boa reputação e relações amistosas com os familiares e pessoas importantes. O fato de os filhos estarem bem de vida e demonstrarem amor, respeito e estima pelos pais é, sem dúvida, um indicador de sucesso, mas eles estão ausentes das interações cotidianas no asilo e essa estima pode ser contestada a cada momento. O sucesso econômico é um valor reconhecido, mas ao longo de uma carreira é preciso acumular outros recursos como amor, estima, etc. e, sem eles, o dinheiro é um acidente que, isoladamente, não pode ser objeto de honrarias. Afinal, todos estão no asilo e até as diferenças em termos de situação objetiva são reduzidas e as similaridades ressaltadas. As auto proclamações não têm credibilidade, é através de cada gesto que se deve mostrar o que se é e de onde se veio. Diante dessa nova geografia social, é antes preciso envelhecer sem se comportar como velho e não ser velho é, basicamente, ter controle sobre as próprias emoções.

Na pesquisa que realizamos com idosos vivendo em suas próprias unidades domésticas ou com filhos ou parentes, mostramos que falar na identidade de idosos é bastante complicado. Os entrevistados tendiam a fazer uma separação entre a sua experiência e a de um velho propriamente dito, com a qual nunca se identificavam. Falar do velho em geral era acionar um conjunto de estereótipos estigmatizantes, "o velho é egoísta", "só pensa em comer e dormir", "vive reclamando da vida".

Falar de sua vida era procurar demonstrar o não-enquadramento pessoal nesse modelo estereotipado⁽⁸⁾. A impressão de que o momento de entrada no asilo corresponde à auto-identificação dos indivíduos enquanto velhos é desfeita logo após um contato mais demorado com os idosos. A idéia de que o velho é sempre o outro é então acionada de maneira ainda mais enfática. É possível dizer que cada residente tende a classificar os outros residentes em três categorias básicas, em torno das quais constrói seu cotidiano e sua sociabilidade no asilo: os velhos propriamente ditos; aqueles que se encontram numa marcha acelerada e irreversível em direção à senilidade; e aqueles que merecem respeito e com os quais vale a pena se relacionar, mesmo quando do ponto de vista cronológico estão em idade bem mais avançada.

A primeira categoria é constituída por aqueles que por razões de ordem física perderam toda a capacidade de se movimentar e permanecer sós. Necessitam de um acompanhante em tempo integral e são incapazes de estabelecer um relacionamento e até mesmo reconhecer outras pessoas, inclusive os próprios familiares. Esses idosos são facilmente identificáveis e a relação dos outros residentes com eles, é de piedade e compaixão. Perderam toda a independência e levam uma vida puramente vegetativa. O sentimento mais evidente que esse estado provoca nos idosos é o de que é bom morrer sem ter que passar por isso, por esse estágio da vida a que todos estão condenados, caso sobrevivam.

- Envelhecer é esclerosar. Isso é inevitável. Eu mesmo, cada dia, estou mais esquecida. Dizem que a vida termina aos 50. Acho que já vivi demais. Recebo cartas elogiando a longa vida. Acho que é falta de reconhecimento.... Quando vejo alguém sofrer e se pudesse escolher espero uma morte suave. (Sra. Furuya). Só desejo morrer sem um dia ficar assim (Sra. Goldhelf).

(8) Ver a esse respeito Debert, G.G. "Envelhecimento e representação da velhice" in Ciência Hoje, vol. 8, nº 44, jul. 1988.

Em todos os depoimentos que abordam a questão da morte e da doença é unânime a consideração de que a morte é preferível à invalidez, que implica a perda de autonomia e a vida vegetativa.

O segundo grupo - aqueles em marcha acelerada em direção à senilidade - engloba os indivíduos que, do ponto de vista físico, aparentemente vão bem e que, tendo uma independência funcional, não deixam patente o estado de deterioração mental em que se encontram. É em relação a essa categoria que cada um procura marcar claramente a sua distância, mesmo que para isso precise, a cada momento, denunciar os sintomas de senilidade em seu vizinho. Nessa categoria estão, por um lado, os grosseiros, os mal-educados, os ressentidos e os ignorantes, e, por outro, os arrogantes que se consideram superiores em relação aos outros, perdendo a dimensão do que, de fato, são. Ambos os conjuntos de características têm a ver com a psicologia individual e a história de vida, mas elas apressam o envelhecimento e se agravam com o passar do tempo. A maneira como esse grupo é construído pelos residentes será o tema do próximo item, mas eles são, em suma, aqueles que tornam a vida no asilo insuportável.

O terceiro grupo é composto dos residentes que são lúcidos apesar do avanço da idade, comportam-se de maneira adequada ante as situações e é com eles que vale a pena se relacionar, "as minhas amigas ou amigos". Nesse grupo a solidariedade se manifesta através da troca de uma série de favores e da preocupação em saber por que não participou de um determinado evento, em saber como está a saúde, etc.

Ficar senil é o grande temor dos residentes, tão grande quanto a invalidez e maior do que a morte. Demonstrar que não se é senil é um desafio que parece ocupar cada momento do cotidiano dos idosos. Cada idoso, a sua maneira, parece ter-se especializado em técnicas bastante sofisticadas de manter a idade avançada sem se comportar como um velho senil. É nesse sentido que a idéia da velhice como carreira expressaria os desafios que os idosos, no asilo, se propõem a enfrentar.

É uma linha bastante tênue que separa o ser humano de idade avançada do velho senil. Os instrumentos que garantem a defesa contra a senilidade partem de pressupostos radicalmente distintos daqueles que têm orientado as práticas inovadoras visando a um envelhecimento bem-sucedido.

INDICADORES DE SENILIDADE E INDICADORES DE VITALIDADE

Adormecer em meio a uma atividade considerada interessante, esquecer determinados objetos, estar vestido de maneira inadequada ou manifestar um sentimento religioso tardiamente podem ser, para alguns, sinais de um estado de senilidade avançado. Já a perda de controle sobre as emoções e os sentimentos é para todos, incontestavelmente, a prova definitiva da perda da razão e lucidez.

O velho senil reclama de tudo e é incapaz de ver o lado positivo do mundo, deixar de olhar para seu próprio umbigo. Um indicador desse estado é a incapacidade de perceber o privilégio de estar num asilo como este, num país onde a miséria e a pobreza são tão grandes. É, também, a incapacidade de compreender o esforço da equipe técnica em dar um atendimento adequado aos idosos, contornando problemas como, por exemplo, a impaciência das faxineiras com os residentes em determinadas situações, em razão das dificuldades que essas pessoas enfrentam, no seu dia-a-dia: chegar ao local de trabalho, ter uma atividade pesada e à noite, de volta, ter que cuidar de suas próprias famílias. Por outro lado, não perceber que o serviço médico e paramédico está funcionando de maneira inadequada, ou que a comida passou dos limites de tolerabilidade, é também prova de ausência total de lucidez. É preciso denunciar o mau funcionamento das coisas, afinal o avanço da idade não se traduz numa aceitação passiva das injustiças. Ser capaz de contestá-las é um sinal de vitalidade.

Outra marca irrefutável de um estado de senilidade avançada é reclamar compulsivamente dos filhos. Quem age assim teria perdido qualquer capacidade de entender os mais jovens, o conjunto de problemas que enfrentam e que os impede de dedicar mais tempo ao cuidado dos pais idosos. Se as mulheres têm ressentimento em relação aos filhos, ele é trancado a mil chaves e jamais deve ser revelado publicamente. Todas afirmam ter filhos bem-sucedidos profissionalmente, extremamente carinhosos e preocupados com os pais.

Se falar mal dos filhos é um indicador de senilidade, elogiá-los em demasia, não deixa de ser um excesso preocupante, que deve ser colocado em dúvida por quem ainda é lúcido. Assim, ao relato do sucesso financeiro de um filho, que comprou uma casa num dos melhores bairros da cidade, contrapõe-se a história de outro filho que não é rico, mas que foi educado para que buscasse sua realização profissional, mesmo que esta não ofereça vantagens do ponto de vista financeiro. Contar que o neto está noivo de uma moça de família rica implica, inevitavelmente, ouvir que é o amor que conta no casamento e que nada é mais virtuoso do que uma mulher de família pobre, mas profissional competente ou mãe extremamente dedicada aos filhos.

Não ser capaz de perceber agressões desse gênero e levar dasaforos para casa - "afinal já estou bem velho para aguentar isso" - significa também perder o senso crítico e a lucidez, outro sinal do estado de senilidade. Contudo, responder a uma agressão vinda de quem é senil e não merece respeito é, da mesma forma, uma manifestação da perda de controle sobre as emoções.

A perda do senso crítico e da lucidez significa, ainda, viver de fantasias, criar ilusões sobre o sentimento dos outros, imaginando grandes amores ou altas perseguições. Aqui, novamente, é uma linha tênue que separa a manifestação de emoções indicadora de vitalidade, de outra, indicadora de senilidade. A atração pelo sexo oposto, o namoro, o casamento, as manifestações de raiva ou ciúme, uma denúncia ou um gesto de desprendimento podem, assim, ser interpretados quer como um indicador de senilidade, enquanto perda de controle sobre os sentimentos, quer como indicador de

vitalidade, se representadas como emoções controladas⁽⁹⁾. Dona Sílvia, em todas as sessões, teve sua fala interrompida por comentários agressivos, posto que aproveitava qualquer oportunidade para contar vantagens sobre os filhos e os netos. Mas ganhou a condescendência geral ao comentar que, antes de entrar com o marido no asilo, ouviu de um rabino, amigo da família, um conselho que segue à risca e nunca esquecerá: "com um sorriso nos lábios, enxugue as lágrimas de seu marido". Em outra sessão, todas as participantes balançam a cabeça num gesto de concordância e identificação com Dona Áurea, quando ela fala sobre sua vida no asilo e sobre a relação com os filhos: "Tomo parte em tudo o que posso, em reuniões, seminários, música, onde tem um empreendimento eu procuro estar, quase não fico em casa. Tenho recebido meus filhos, meus netos e quando eles vêm aqui, acham que estou muito feliz. E um pouco diferente do que é, mas todos me acham bem animada".

As duas mulheres, pareciam ter convencido as outras de sua estória na arte de representar emoções. Na última sessão, em que solicitamos a cada um dizer o que achou das reuniões e do trabalho que estávamos fazendo, as mulheres que mais participaram das discussões se apressaram em afirmar que não sabiam como ficaria nosso trabalho porque nem sempre disseram o que realmente sentiam.

Comportar-se de um modo emocionalmente controlado é, em suma, o que separa uma pessoa de idade avançada de um velho senil.

Por isso, a vida entre estranhos, que se comportam como estranhos, parece adquirir uma importância tão

(9) Embora tratando de mundos distintos a oposição que Sennett faz entre apresentação e representação de emoções, tomando como base os escritos de Diderot e Rousseau para pensar o teatro, são sugestivos da forma como os idosos no asilo concedem o controle das emoções como indicadores de vitalidade e seu descontrole como indicador de senilidade. Sennett, R. O declínio do homem público - as tiranias da intimidade. Companhia das Letras, São Paulo, 1978, pp. 142-155.

especial. Constitui-se, assim, uma arena de conflitos com as práticas inovadoras que visam promover uma identidade essencial que homogeneizaria os residentes na instituição.

A IDENTIDADE DE IDOSO: MEMÓRIA E EXPERIÊNCIA

Uma terapeuta ocupacional, no asilo israelita, aproveita o interesse manifestado por alguns residentes, em fazer leitura de textos e depois discuti-los, para mobilizar os idosos em torno de uma programação por eles mesmo proposta. Marca um horário e se propõe a ler um texto que faz parte de uma apostila de contos organizada por uma colega que também trabalha com idosos em outra instituição. O conto trata de uma aldeia imaginária onde os jovens decidem, repentinamente, fazer uma revolução, eliminando todos os velhos. Os jovens assumem então o poder e, imediatamente, percebendo a ausência de idosos, a aldeia vizinha declara guerra aos revolucionários. A situação é resolvida por um dos velhos que, tendo sobrevivido ao massacre, ensina aos jovens uma frase misteriosa que deveria ser pronunciada diante dos inimigos. Ao ouvir a frase plena de sabedoria, os inimigos recuam, desistindo da guerra, certos de que nem todos os velhos foram eliminados. A paz é restabelecida.

Terminada a leitura, a terapeuta propõe o início do debate. O silêncio é geral. Ela, então, retoma a palavra dizendo que o conto trata do conflito entre jovens e velhos e que é preciso entender a frase misteriosa que só os velhos conheciam e que evitou a guerra. Uma das senhoras, que lançou a idéia de um grupo de leitura, passa um texto para a terapeuta, dizendo que ele foi enviado por sua irmã, que não podendo comparecer à sessão, pediu que o texto fosse lido e discutido. O texto trata da luta do povo judeu. A terapeuta explica que não há tempo para ler outro texto, pois logo será hora do jantar, e ressalta a importância de fazer uma discussão do texto que foi lido. "Quero saber o que vocês pensam sobre o conflito de gerações, é deste conflito que o conto trata" Uma das

senhoras, em tom conclusivo, considera que esse é um conflito que sempre existiu e sempre existirá: "Os jovens não se interessam pelos velhos". A terapeuta responde que isso nem sempre é verdade: "Há jovens como eu que querem ouvir os velhos, uma minoria muito pequena, mas existe". Outra senhora toma a palavra, dizendo: "Eu tenho muita coisa para contar, para quem quiser ouvir. Mas tenho que aproveitar o dia de hoje. A velhice é viver cada instante, para o velho não há futuro. Eu quero pôr uma pedra no passado". A terapeuta retoma: "Mas isto é a memória, eu não posso perder isso, essas histórias que a senhora tem para contar". Um senhor considera: "O velho assim não existe. Ele quer viver e aproveitar. Nós temos a mesma vontade que vocês, o físico às vezes não ajuda". Outra senhora concorda, "A aparência às vezes é boa, mas o físico não ajuda. Quem tem saúde perfeita vai bem". Outra afirma: "Eu ainda estou aprendendo até hoje, estamos sempre na fase de aprender. Nós procuramos aprender com os mais jovens. Eles (os jovens) não procuram nos entender. O jovem acha que o velho só fala bobagem. O conflito dos jovens nós também tivemos". Várias pessoas falam ao mesmo tempo e a terapeuta retoma, procurando organizar o debate.

- Eu concordo com a senhora. Eu sou jovem, tenho 25 anos. Há uma parcela minoritária, mas que está interessada, como eu, nessa memória, na experiência dos mais velhos. No conto, a guerra só foi interrompida porque havia um velho que tinha a sabedoria, é dessa sabedoria que os jovens precisam.

- Eu estou aprendendo muito, até aqui aprendo. Todo dia aprendo alguma coisa. O velho aprende, tem que fazer ginástica, ir ao cinema, ao teatro. - comenta uma das mulheres e é, imediatamente, interrompida por um dos homens com uma pergunta que foi interpretada como irônica:

- A senhora faz ginástica?

- Faça, por quê? Ela responde, agressivamente

- Onde a senhora faz?
- Claro que faço, não importa aonde, pode ser até no meu quarto.

O diálogo é seguido de uma série de conversas paralelas, onde alguns comentam a ousadia das perguntas formuladas pelo senhor, outros a intolerância da resposta dada pela senhora. Outros ainda se levantam, dirigindo-se à terapeuta para justificar a saída apresada. A terapeuta pede silêncio, porque ainda tem gente que quer falar. O silêncio é retomado e a senhora que trouxe o texto recomendado pela irmã pede a palavra e depois de perguntar se a terapeuta tem filhos, faz o seguinte comentário:

- A juventude de hoje vegeta e não vive. Eu casei com 17 anos, criei meus filhos. A mulher tem que ficar do lado do marido, apoiar o marido, estar do lado dele. Hoje a juventude tem profissão, a mulher não está em casa, ela ganha dinheiro, mas quem manda em casa é a babá. Antes havia responsabilidade. O "eu estou ganhando" que a mulher diz trouxe muito prejuízo.

A terapeuta sorri e começa a recolher os textos e colocá-los numa pasta, como quem está encerrando a reunião. As pessoas começam a se levantar, algumas se aproximam da terapeuta dizendo que gostaram da sessão, mas o horário não está adequado, o tempo foi curto e não pode ser prolongado por causa da hora do jantar, que seria importante achar um outro horário. A terapeuta diz que vai pensar no assunto e estudar um horário melhor para todo mundo e conversar depois com cada um. O pessoal vai se retirando da sala e a terapeuta, já em pé, ainda pergunta para algumas mulheres se gostaram do texto. Todas respondem afirmativamente, com exceção de uma delas, que considera:

- Achei o conto muito conservador, não gostei. O autor não diz por que os jovens resolveram matar os velhos. O que foi que os ve-

lhos fizeram. Os velhos cometem muitos erros.
As guerras e as ditaduras.

Na semana seguinte, voltamos ao asilo para assistir a mais uma sessão de leitura. Encontramos com uma das mulheres que participaram da sessão anterior e que nos informou sobre o novo horário das sessões, aos domingos, às duas da tarde. Uma das residentes lê os artigos, porque é um horário em que a terapeuta não pode estar presente. Isso não é um problema, argumenta a mulher, porque os temas tratados são outros e têm a ver com questões judaicas.

O conto proposto é, sem dúvida, um texto estratégico para uma conversa sobre os problemas vivenciados pelos idosos. A forma como a questão foi colocada pressupõe o estabelecimento de um laço social entre os participantes do grupo, enquanto idosos. Procura-se criar uma identidade positiva da velhice como a memória, a sabedoria e a experiência vivida. É essa identidade, no entanto, que os residentes procuram dissolver, proclamando a cada momento as diferenças que separam cada idoso dos demais residentes e dos velhos em geral. A cada investida em termos da criação de uma identidade positiva, eles reagem mostrando que a idade cronológica não é sinônimo de sabedoria, nem experiência. Cada momento vivido é uma nova experiência e a qualquer idade há muito o que aprender. Os velhos também são tiranos, chatos e indiscretos. O avanço da idade cronológica não é garantia para um comportamento adequado.

A SOCIABILIDADE NO ASILO E AS TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS

Qualquer atividade no asilo, desde sentar-se à mesa no refeitório, trabalhar na oficina, ir a um cerimonial religioso, é oportunidade para a demonstração de como se é:

- O Sr. gosta de trabalhar na oficina?

- Eu me distraio, isso não é trabalho, trabalho é outra coisa, eu era alfaiate...

- A Sra. não vai jantar?

- Estou esperando o Sr. Afonso descer. Ele senta na minha mesa. Detesto fazer o que muita gente daqui faz, sentar à mesa e começar a comer antes dos outros chegarem. É horrível sentar-se à mesa cheia de migalhas de pão. Minha mãe dizia...

- A Sra. não frequenta a sessão de música?

- Eu não gosto desse tipo de música, fui pianista, adoro música clássica e não esses ruídos...

Cada atitude no asilo é carregada de significações. Proclama-se, a cada gesto, não apenas quem sou e de onde vim, mas como sou radicalmente diferente dos outros residentes. Manifestando através das brigas e insinuações sua intolerância em relação aos outros, cada um se defende das tentativas de constituição de uma igualdade fundamental entre os idosos. Não são, assim, iguais àqueles que consideram ridículos, fracos e sobretudo abandonados. São também os outros residentes a razão do próprio infortúnio, pois "tiram meu sono, apressam minha morte". Contra quem mais poderiam dirigir a raiva e os ressentimentos quando a cultura, a sociedade e os próprios filhos são inatingíveis. É preciso preservá-los de forma a manter a dignidade e a auto-estima.

Os residentes, assim como os profissionais no asilo, lamentam as brigas, as fofocas e os desentendimentos. A sessão de leitura de contos relatada foi uma experiência atípica, que provavelmente não tem o mesmo nível de sofisticação das sessões em grupo realizadas por psicólogos no asilo israelita e que um pesquisador não pode presenciar. Nelas, as técnicas emprestadas do psicodrama têm sido utilizadas de forma a promover um envelhecimento mais bem-sucedido na instituição, sanando o conjunto de conflitos que tornam a vida no asilo tão decepcionante. No entanto, os idosos também se recusam a delas participar ou justificam sua participação como respostas delicadas à solicitação feita

com tanta gentileza pelas psicólogas. Comentam o caráter infantil das atividades propostas ou a dificuldade de entender os seus objetivos. "O que a psicóloga quer dizer quando diz vocês precisam se colocar?" Ironizam com humor a participação de alguns velhos, comentando, por exemplo, que em uma das sessões uns deveriam se apresentar aos outros, estendendo a mão e dizendo o nome, mas boa parte das pessoas eram surdas ou esqueciam os nomes logo após eles serem pronunciados. A ironia desses comentários contrasta com a visão respeitosa que os residentes têm do atendimento médico ou das sessões individuais com psicólogos.

As práticas emprestadas do psicodrama parecem partir de alguns pressupostos radicalmente distintos daqueles que tendem a organizar a sociabilidade entre os idosos no asilo. Simplificando em demasia, com o único objetivo de apontar o contraste, poderíamos dizer que a base do trabalho desenvolvido é montada nos seguintes princípios: todos os indivíduos merecem compreensão e devem ser respeitados; a psicoterapia pode promover mudanças importantes no comportamento dos indivíduos; a exposição das mágoas, ressentimentos e frustrações trará um benefício psicológico à medida que esses sentimentos passem a ser compreendidos; a compreensão das emoções negativas torna o indivíduo mais tolerante com os outros.

Os idosos, entretanto, parecem ter concepções radicalmente distintas em relação a cada um desses pontos: tem pessoas que não merecem compreensão; a partir de uma certa idade não são possíveis mudanças e estamos todos velhos para isso; minhas mágoas são propriedade minha, revelá-las é perder o controle de minhas emoções e, portanto, um indicador de senilidade; estou velho para tolerar desaforos e não sou obrigado a suportar ninguém; nada garante, também, que os sentimentos, uma vez revelados, serão mantidos em segredo no asilo.

Temos, assim, a aplicação inadequada de técnicas a uma situação inadequada, pois se corre o risco de desmontar mecanismos essenciais de manutenção da auto-estima e da dignidade, pelos quais os velhos demonstram lutar ao recusarem a participação nas sessões progra-

madadas, apesar das tentativas inovadoras e bem-intencionadas dos profissionais contratados pela instituição.

Em O declínio do homem público, Sennett mostra como a teatralidade tem uma relação hostil com a intimidade e uma relação amigável e cordial com a vida pública⁽¹⁰⁾. Para os velhos, estar no asilo é buscar uma vida pública satisfatória. Residentes e profissionais concordam em considerar que a vida no asilo vai mal e que é preciso corrigi-la. Entretanto, para os primeiros, o eu é uma caixa de horrores e a vida pública só está garantida se essa caixa de horrores puder dela ser separada. Ter regras claras de como se comportar em público, ter um comportamento emocionalmente satisfatório, mantendo-o a uma distância das circunstâncias pessoais, são condições que poderiam tornar a vida no asilo mais agradável para aqueles que não são senis, posto que o desvendamento involuntário dos sentimentos em público é um sinal irrefutável da marcha irreversível do indivíduo em direção à senilidade. Para os psicólogos, pelo contrário, só a exposição dessa caixa de horrores poderia garantir seu domínio e assim promover relações pessoais bem-sucedidas.

Asilo é um termo carregado de estereótipos negativos. Lar dos Velhinhos, Jardim ou Casa de Repouso são expressões encontradas para substituir a rotulação discriminatória presente na palavra asilo. Preparar os velhos para um envelhecimento institucionalizado adequado é oferecer-lhes espaço para o desenvolvimento de uma intimidade plena, um espaço doméstico perdido, que poderia ser recuperado. Mas não pode ser a negação de que a vida pública possa ter sentido para as pessoas de idade avançada.

(10) Sennett, op. cit., 1988.



NOME: _____

NAME: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO
DA REMESSA.**

**Non-acknowledgment of receipt will indicate that
further publications are not wanted.**

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13.081 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (0192) 39.8342
Telex (019) 1150 - Telefax (0192) 39.3327
Correio eletrônico: pubifch@ccvax.unicamp.ansp.br